

A edição de *Antes o mundo não existia* na correspondência de Berta Gleizer Ribeiro

The edition of Antes o mundo não existia in Berta Gleizer Ribeiro's correspondence

ANANDA NEHMY DE ALMEIDA

RESUMO

A publicação de *Antes o mundo não existia* (1980), de autoria dos indígenas de etnia desana Umúsin Panlõn Kumu e Tolamã Kenhíri, foi antecedida das etapas de tradução, transcrição e textualização do relato mítico. Os manuscritos que lhe deram origem resultam da interferência da educação formal salesiana oferecida às comunidades indígenas do Noroeste Amazônico. Essa primeira etnografia impulsiona Berta Gleizer Ribeiro (estudiosa dos desana) a participar de seu processo editorial, a manter contato por correspondência com os padres salesianos Casimiro Békšta e Franz Knobloch e, posteriormente à sua publicação, com a antropóloga Dominique Buchillet, que viria a ser revisora da sua segunda edição. Este artigo relaciona os documentos epistolares preservados no Memorial Darcy Ribeiro a publicações que fizeram parte da produção intelectual dos missivistas. Além das correspondências, foram analisados o livro *Os índios das águas pretas*, de Berta Gleizer Ribeiro (1995); a entrevista concedida pelo padre Casimiro Békšta, em 1978, e os artigos “*Lungo il cauaboris (Storia di una missione)*” e “*The Abaraibu Indians: a 'white' tribe in the Amazon*”, do padre Franz Knobloch. A comparação desses textos enfatizou o estudo de temas como (a) a edição de *Antes o mundo não existia*; (b) o conhecimento e a autoria indígenas; (c) concepções de pesquisa etnográfica; e (d) o contexto educacional das missões salesianas e os efeitos das políticas indigenistas. Recorre-se às perspectivas teóricas lançadas pela pesquisa etnográfica de Berta Gleizer Ribeiro para analisar as interferências do contato das tradições orais e escritas nas etapas de edição e publicação do relato mítico desana.

Palavras-chave: Berta Gleizer Ribeiro; etnia desana; autoria indígena.

ABSTRACT

The publication of *Antes o mundo não existia (Before the world didn't exist)* (1980), authored by Umúsin Panlõn Kumu and Tolamã Kenhíri indigenous, was preceded by the steps of translation, transcription and textualization of the mythical story. The manuscripts that gave rise to it are the result of the formal Salesian education interference offered to the Northwest Amazonian indigenous communities. This first ethnography drove Berta Gleizer Ribeiro (scholar of desana) to participate of its editorial process, to keep in touch by correspondence with the salesian priests Casimiro Békšta and Franz Knobloch and, after its publication, with

the anthropologist Dominique Buchillet, who would become later the proofreader of the second edition. This article relates the epistolary documents preserved in Darcy Ribeiro Memorial to the publications that are part of the intellectual production of the letter writers. Beyond the correspondences, the books *Os índios das águas pretas* (The black Waters indians), by Berta Gleizer Ribeiro (1995) were analyzed; such as the interview given by Casimiro Béksta in 1978 and the articles “Lungo il cauaboris (Storia di una missione)” and “The Aharaibu Indians: a ‘white’ tribe in the Amazon”, by Franz Knobloch. The comparison of these texts emphasized the study of topics like (a) the edition of *Antes o mundo não existia* (Before the world didn’t exist); (b) indigenous knowledge and authorship; (c) conceptions of ethnographic research; and (d) educational context of Salesian missions and effects of indigenous policies. The theoretical perspectives launched by Berta Gleizer Ribeiro's ethnographic research are used to analyze the interferences of the contact between oral and written traditions in the editing and publication stages of the mythical desana story.

Key words: Berta Gleizer Ribeiro; desana ethnic group; indigenous authorship.

INTRODUÇÃO

O estudo do trançado indígena constituiu o objetivo principal das expedições de Berta Gleizer Ribeiro às regiões do Alto Xingu e do Noroeste Amazônico no final da década de 1970. O contato com as comunidades situadas em povoados próximos aos afluentes do Rio Negro levou-a a colaborar no projeto de textualização e edição da mitologia desana, descrita no livro *Antes o mundo não existia*. Em sua visita a Iauareté, soube que indígenas do povoado de São João do rio Tiquié tomaram notas e desenharam suas mitologias. A disposição inicial de incorporar essas anotações ao *corpus* mais amplo de sua pesquisa foi seguida de seu engajamento nas etapas que antecederam a primeira edição de *Antes o mundo não existia*, de autoria dos desana Umúsin Panlõn Kumu e Tolamãñ Kenhíri¹. Originários de tradições ligadas aos rituais de nomeação, os nomes indígenas, incorporados à capa do relato mítico publicado, possuem as respectivas variações Firmiano Arantes Lana e Luiz Gomes Lana. Nomes e sobrenomes portugueses seriam costumeiramente registrados em livros de batismo das missões católicas no Alto Rio Negro.

Os processos que envolveram a pesquisa da antropóloga junto aos indígenas dessa região podem ser rastreados em documentos de arquivo. Parte integrante do Memorial Darcy Ribeiro, localizado no *campus* da Universidade de Brasília (UnB), o acervo de Berta Gleizer Ribeiro reúne biblioteca, versões de suas publicações, documentos audiovisuais,

¹ A grafia dos nomes dos autores desana foram modificados em outras edições de *Antes o mundo não existia*. Na 2ª edição (1995), lançada pela União das Nações Indígenas do Rio Tiquié (Unirt) e pela Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro (Foirn), e na 3ª edição (2019), publicada pela editora Dantes, os nomes apresentam as seguintes grafias: “Umusĩ Pārõkumu” e “Tõrãmũ Kĕhĩri”.

iconográficos, recortes, manuscritos e datiloscritos constantemente revistos em pesquisas documentais e produtos culturais². O percurso deste artigo em seu acervo prioriza textos relacionados às edições do relato mítico e à perspectiva de autoria indígena esboçada em publicações de Berta Gleizer Ribeiro.

A reprodução fotográfica do mito de origem desana, na sua versão manuscrita, e correspondências da antropóloga — pertencentes, respectivamente, às subséries “Família Lana” e “Expedições” do acervo de Berta Gleizer Ribeiro — se relacionam diretamente ao contexto de publicação de *Antes o mundo não existia*. As tópicas de documentos epistolares confrontadas a textos derivados das atividades laborais dos missivistas expõem estratégias de mediação para manterem vínculos com indígenas do Alto Rio Negro.

Próximos às pastorais dessa região, os padres salesianos Franz Knobloch e Casimiro Békšta³ facilitaram a comunicação da antropóloga com os desana. A correspondência de Knobloch contextualiza aspectos culturais e políticos de comunidades indígenas. Békšta apoiou a etapa de transcrição e tradução do mito de origem iniciada por Luiz Gomes Lana e ampliada na forma final da primeira edição, de 1980. Posteriormente às etapas de textualização e revisão do relato mítico, a antropóloga francesa Dominique Buchillet se integrou ao grupo de interlocutores de Berta Gleizer Ribeiro.

O estudo dessas vozes incorporadas ao discurso epistolar contribui para rever perfis biográficos associados à produção intelectual dos missivistas sob a perspectiva fragmentária de documentos de arquivo. As tópicas das cartas situam os contextos dos interlocutores, expõem dificuldades da pesquisa etnográfica enfrentadas por pesquisadoras e permitem identificar as estratégias utilizadas em *Os índios das águas pretas* (1995) para explicitar a autoria indígena em modos e equipamentos produtivos. A análise desse material deve ser complementada pela comparação do manuscrito de Luiz Gomes Lana à primeira e à segunda edições de *Antes o mundo não existia*. A publicação da mitologia desana, articulada à pesquisa de campo da antropóloga, envolveu etapas de tradução, transcrição, textualização

² A retomada da correspondência de Berta Ribeiro e do manuscrito de Luiz Gomes Lana realizada por Almeida (2022) aborda a gênese do conceito de transculturação narrativa de Ángel Rama. As cartas da antropóloga com o intelectual foram publicadas em *Diálogos Latino Americanos: correspondência entre Berta, Dary Ribeiro e Ángel Rama* (Coelho, Rocca, 2015). Bianca Luiza Freire de Castro (2023) pesquisou a contribuição de Berta Gleizer Ribeiro para a antropologia brasileira a partir de acervos variados e entrevistas orais.

³ Grafias do sobrenome variam em “Békšta” ou “Beksta”. Optou-se pela primeira, presente na ficha catalográfica de *1ª cartilha Tukano*, de Casimiro Békšta, publicada pela Secretaria de Educação (Seduc) de Manaus em 1984.

e revisão. Pretende-se verificar como a linguagem do relato mítico incorpora e transforma os conhecimentos desenvolvidos pelos desana no contexto amazônico.

1 - DIÁLOGOS DE FRANZ KNOBLOCH E BERTA GLEIZER RIBEIRO

Berta Gleizer Ribeiro manteve correspondência com Franz J. Knobloch entre 1979 e 1983. Os documentos epistolares, sob a assinatura de “Francisco Knobloch”, eram manuscritos em língua portuguesa. Sua escrita é influenciada pelas variantes dialetais sociais e regionais do Alto Rio Negro ou pela transferência de fatores linguísticos do alemão para a língua alvo. Em 1979 e 1980, Knobloch enviava cartas do distrito de Pari-Cachoeira, localizado no Alto Rio Negro e próximo ao povoado de São João. A partir de 1981, situava-se na igreja católica St. Joseph’s, em Baytown, no Texas.

A correspondência constitui um dos meios de Berta Gleizer Ribeiro, situada no Rio de Janeiro, manter a comunicação com seus interlocutores próximos a Knobloch. A mobilidade possibilitada pelos gêneros epistolares reduziria a dificuldade de manter acesso constante às comunidades indígenas rionegrinas. Algumas cartas portavam mais documentos epistolares encaminhados para outros destinatários. Entre as tópicas de seus diálogos com o salesiano, destacam-se comentários referentes aos aspectos culturais indígenas ou aos efeitos das políticas indigenistas desse contexto.

A carta de Franz Knobloch, com data em 16 de janeiro de 1979, apresenta expresso o seu objetivo de pesquisar as leis de proteção aos indígenas criadas entre 1580 e 1640, durante a união dos reinos de Portugal e Espanha. O uso de informações históricas parece constituir uma estratégia recorrente à argumentação do salesiano, tal como se observa no ensaio *Lungo il cauaboris (Storia di una missione)* (1975). Nessa publicação mais historiográfica, Knobloch (1975) retoma os acontecimentos e atores sociais anteriores à introdução da ordem de Dom Bosco no Noroeste Amazônico.

Os Carmelitas Descalços, instaurados no Rio Negro em 1694, fundaram oito missões. Segundo Knobloch (1975), converteram os Manaos, descendentes dos Aruak que viviam no médio Rio Negro. Ordens missionárias se retiraram da área devido ao Diretório dos Índios, estabelecido pelo Marques de Pombal em 1778, que impedia os religiosos de administrarem aldeamentos. Os Capuchinhos retomariam a atuação católica no Rio Negro, em 1852, seguidos 30 anos depois por Franciscanos.

Foi fundada a Prefeitura Apostólica do Rio Negro em 1917. Nesse mesmo ano, o Papa Pio X determinou que seria administrada pela Congregação dos Salesianos de Dom

Bosco. Com a promulgação da bula “*Inter Nostra*”, a área tornou-se prelazia, em 1925, sob o controle do monsenhor Pedro Massa. Foram fundadas também as missões de São Gabriel, Barcellos, Santa Isabel, Iauaretê e Assunta. Instituiu-se a residência missionária no alto Cauaboris, afluente esquerdo do Rio Negro. A oferta da educação em regime de internato foi organizada após a instalação dessas missões.

Na segunda parte do ensaio, Knobloch (1975) apresenta uma descrição detalhada da aldeia de Maturacá e do rio Cauaboris; dos biomas amazônicos, fauna e flora; tipos de solos. Registra informações sobre trabalho missionário do salesiano Antônio Goes nessa aldeia e aspectos culturais do grupo Aruak. A perspectiva oferecida em *Lungo il cauaboris (Storia di una missione)* oscila entre a defesa da atuação missionária, o registro etnográfico dos costumes indígenas e a documentação biológica e geográfica da área. As escolhas de repertório bibliográfico da carta e o recorte histórico no ensaio de Knobloch (1975) parecem se adequar à produção de um discurso favorável ao trabalho das missões católicas.

1.1 A coleção de palavras em *Os índios das águas pretas*

Ainda na carta de 16 de janeiro, *Lungo il cauaboris* expõe as motivações das suas lacunas. Desculpa-se por não responder três cartas, devido aos seus constantes deslocamentos entre Manaus e Pari-Cachoeira. Justifica o insucesso da incumbência de entregar cartas de Berta Gleizer Ribeiro a Luiz Gomes Lana em viagem a Manaus, a convite de Warwick Estevam Kerr, diretor do Instituto de Pesquisas da Amazônia (INPA) entre 1975 e 1979. Essa observação indica que o endereço de Knobloch facilitaria o contato da antropóloga com possíveis interlocutores situados na área de influência das missões salesianas do Alto Rio Negro.

Na resposta de 3 de março, Berta Gleizer Ribeiro (1979) avisa do encaminhamento de *Antes o mundo não existia* à avaliação da editora Práxis, que pediu os números de documentos do autor. Essa segunda mensagem seria repassada pelo salesiano a Luiz Gomes Lana. Knobloch soube também do retorno do desana a Manaus, com o equipamento de herborização, para usá-lo na coleta de plantas vivas destinadas a estudo botânico desenvolvido por Estevam Kerr e Pedro Ivo Soares no INPA. A produção científica da antropóloga contém referências ao trabalho de Luiz Gomes Lana para o INPA.

Em *Os índios das águas pretas*, Berta Gleizer Ribeiro (1995, p. 13) revê suas pesquisas resultantes de três expedições com o objetivo de demonstrar como indígenas integram

classificações de seus recursos ambientais e as técnicas de manejá-los à sua preservação. Dirige-se explicitamente ao “leitor” inscrevendo, no prefácio, um convite à reflexão para fazê-lo enxergar a criatividade, o saber ecológico e o legado indígenas (Ribeiro, 1995, p. 13). Entre suas recordações da expedição a São João realizada entre dezembro de 1985 e fevereiro 1986, associa o título do artigo “Chuvas e constelações: calendário econômico desana”, publicado em coautoria com Luiz Gomes Lana em 1987. Enfim, expõe a seu leitor a tensão gerada pelo conceito de autoria que se estabelece na comunicação científica:

Este livro deve mais a Tolamân Kenhíri. Talvez devesse ser assinado também por ele. Na verdade, todas as informações de campo — ou quase todas — são de sua autoria. Desde 1978, quando o encontrei na Missão Salesiana Pari-Cachoeira e lhe falei do meu projeto, nada mais fiz do que escrever, em forma passível de leitura, os dados que me ia passando (Ribeiro, 1995, p. 14-15).

Além de iniciar a primeira transcrição do mito de origem desana, Luiz Gomes Lana participa da montagem de acervo botânico do INPA ao coletar plantas e preparar exsiccatas posteriormente identificadas pelos pesquisadores. Essa colaboração é comunicada no prefácio de *Os índios das águas pretas* (1995), porque seus capítulos incorporam mais dados colhidos por Gomes Lana. Esses pequenos sinais rastreados no seu prefácio de 1995 atualizam a perspectiva editorial da primeira edição de *Antes o mundo não existia* ao redirecioná-la para a problemática da autoria no campo da comunicação científica.

A antropóloga apresenta formas diferenciadas de divulgar os conhecimentos indígenas que oferecem um contraponto à pesquisa de Gerardo Reichel-Dolmatoff (1973), realizada com o desana colombiano Antonio Guzmán. O antropólogo mostrou ao seu colaborador fotos publicadas em livros de zoologia e botânica para estimulá-lo a descrever hábitos dos animais amazônicos. As informações recolhidas foram comparadas a temas do mito de origem, organizadas em diagramas e integradas a entrevistas planejadas aplicadas ao próprio indígena. Desse conjunto de dados, é extraída a centralidade do tema “homem e animal” no simbolismo mitológico desana. Segundo Reichel-Dolmatoff (1973), a participação na pesquisa ofereceria a Guzmán a possibilidade de realizar “autoanálise” das relações estruturais de sua cultura e “civilização”⁴.

⁴ Nota da edição: o contraponto à perspectiva de Gerardo Reichel-Dolmatoff fica mais explícito no final desta seção, quando a autora escreve que Berta não oferece “ao seu colaborador apenas uma autoanálise do simbolismo homem e animal localizado em relatos míticos, mas demonstra, mobilizando um conjunto amplo de dados, como as etnias indígenas atuam e transformam o meio ambiente de forma autoral, criativa e integrada.”

Berta Gleizer Ribeiro (1995) seguiu procedimento inicial utilizado por pesquisadores de apresentar imagens a Luiz Gomes Lana e Firmiano Arantes Lana. Mostrou-lhes o livro *Zwei Jahre bei den Indianern: nordwest-brasiliens* com fotografias e desenhos de objetos indígenas resultantes da passagem de Koch-Grünberg pela aldeia de São João no rio Tiquié. Ao observá-las, os indígenas falavam, em desana, os nomes das matérias-primas e a serventia desses objetos. A estratégia da antropóloga cumpria o objetivo de relacionar o meio ambiente da região à pesquisa de recursos técnicos criados pelos indígenas e às relações de produção entre suas comunidades. Sua discussão desses temas recorre a informações extraídas de *Antes o mundo não existia* (1980) ou a dados culturais, linguísticos, taxonômicos e referentes aos biomas rionegrinos levantados por Luiz Gomes Lana, parte deles resultantes do trabalho do desana junto ao INPA.

Ribeiro (1995) utiliza argumentos de autoridade indígenas para compará-los ao referencial bibliográfico acadêmico geralmente citado em pesquisas etnográficas e antropológicas. Sua pesquisa revisa relatórios de Curt Nimuendajú (2015) resultantes de expedições aos rios Içana, Ayari e Uaupés, em 1927, que identificavam uma sobreposição histórica de estratos oriundos das culturas Yanomâmi, Aruák e Tukano no Alto Rio Negro. A observação de traços culturais constitui um indício da passagem sucessiva desses grupos na região até sua fusão com a “sociedade nacional” ou a “cultura cabocla”. O estrato de fixação mais antiga mantém meios disponíveis para produzir utensílios e criar técnicas de plantio, caça e pesca reincorporados por outros estratos.

Os grupos pertencentes à família linguística Tukano Oriental participaram da segunda onda migratória de origem oeste em direção ao rio Uaupés. Ribeiro (1995) menciona também os aspectos culturais comuns aos Tukano, Tupis e povos andinos levantados por Irving Goldman (1979), tais como a organização hierárquica de clãs e os cultos aos ancestrais localizados facilmente no relato mítico desana.

O livro *Os índios das águas pretas* (1995) relaciona, inicialmente, a estrutura social desana ao funcionamento do sistema de trocas entre as etnias do Noroeste Amazônico. Essa estrutura é ordenada pela exogamia patrilinear. Sua regra geral orienta a união de pessoas que pertençam a diferentes grupos. O casamento de um desana ocorreria, segundo a ordem de prioridade, com esposa Siriâna, Tukano, Tuyúka ou Bará devido à proximidade das línguas desses grupos. O pai desana repassa aos descendentes a patrilinearidade do seu *sib* (clã), onde conviverão o casal e os filhos.

Dependente das regras de exogamia, as formas de tratamento e os procedimentos de nomeação tornam a estrutura social linguisticamente visível. A atribuição de descendência segue uma série de regras pesquisadas por Berta Gleizer Ribeiro (1995). A linhagem desana do rio Tiquié, iniciada por Tolamã Kenhíri a partir do herói cultural Ęmëkho mahsãn Boléka, subdivide-se em *sibs* distribuídos entre as aldeias de Santo Antônio e São João. A nomeação dos *sibs* incorpora o nome do antepassado fundador de sua linhagem patrilinear e o termo ou vocativo específico que designa a descendência geracional de seu grupo.

Os desana utilizavam as formas de tratamento “irmão maior”, “irmão menor” ou “avós” para reconhecerem descendências geracionais. Desvinculados das tradicionais relações de consanguinidade, os termos indicam a ordem em que os ancestrais fundadores saíram da cobra-canoa, segundo o mito de origem da humanidade de *Antes o mundo não existia*. No interior do *sib*, segundo Ribeiro (1995, p. 41), as crianças seriam nomeadas de forma descendente, seguindo regras de primogenitura, e, posteriormente, redistribuídas em pares masculino e feminino para receberem designações de gênero próprias aos desana.

As etnias indígenas do Alto Rio Negro possuem especializações que permitem identificá-las na característica do objeto produzido ou por possuírem domínio de determinada atividade. Entre as várias especializações enumeradas por Ribeiro (1995, p. 68-69) estão o ralo produzido pelos Baníwa que vivem no rio Içana; o *aturá* (cesto cargueiro) feito pelos Makú; as canoas dos Tuyúka e Bará; a ponta de flecha desana e o banco Tukano. Há produção comum de bancos simples, utensílios domésticos de madeira e tipos de cestos de arumã.

Os objetos rituais seriam insígnias que marcam a hierarquia entre indivíduos dentro do *sib* ou entre os *sibs*. Apenas lideranças e *sibs* de alta hierarquia detêm o direito de tocar o trocano tambor e usar a máscara de Guelamun yé (Ribeiro, 1995, p. 71-72). Berta Gleizer Ribeiro (1995) busca menções de *Antes o mundo não existia* (1980) às regras de uso desses objetos. No mito “As andanças pelo mundo de Ęmëkho mahsãn Boléka e seu séquito de onças”, o som do trocano tambor guia o herói cultural a sua morada. Há outro mito que justifica a origem do pajé Ghelamun yé, detentor das flautas sagradas queimado durante o cataclismo de fogo. No local de sua morte, surge a paxiúba, matéria-prima de produção desse instrumento.

A segunda parte de *Os índios das águas pretas*, intitulada “Vida econômica”, documenta e cataloga tecnologias e técnicas indígenas ligadas ao cultivo e à pesca. A horticultura desana parte do princípio de que determinados plantios se adequariam a solos específicos, como terra firme, arenoso (comum ou preto) e argiloso (comum ou preto). Criam a

categoria dos solos não agricultáveis na qual se encaixam a caatinga e o igapó (terra alagada). Os usos da caatinga poderiam variar em local para buscar plantas medicinais ou para instalar armadilhas de pesca. No igapó (terra alagada), desenvolvem-se o açaí ou plantas destinadas à alimentação de peixes. As observações dos movimentos de constelações ajudavam a estabelecer os períodos de derrubada da mata, queimada com posterior plantio das roças e a prever o ciclo biológico de insetos e peixes que integram a alimentação desana.

Os cultivos das roças eram partilhados por três famílias, com alguns plantios distribuídos em critério de gênero. Geralmente, homens cultivavam plantas de caráter ritual, como o tabaco, além do timbó e do carauá (tipo de bromélia). Apenas mulheres plantavam pimenta e mandioca. A pesquisa de Berta Gleizer Ribeiro (1995) também documenta quais são as técnicas indígenas de processamento da mandioca, instrumentos de trabalho e nomes de produtos delas derivados. Articula a abordagem do mito desana “A história de Báli bó e a origem da mandioca” às tecnologias indígenas ligadas à produção de alimentos.

A montagem da taxonomia desana estende-se aos peixes e às plantas artesanais. A antropóloga recolheu informações das suas pesquisas de campo e as produzidas por Luiz Gomes Lana, com a coleta de plantas e produção de exsicatas para o INPA. Foram elaboradas fichas em *Os índios das águas pretas* (1995) que contêm nomes de plantas traduzidos para desana, tukano, língua geral, português e escritos seus nomes científicos disponíveis. Nelas, Berta Gleizer Ribeiro (1995) descreve a planta, seu uso na produção de artesanato. Produziu também apêndices com nomes de espécies vegetais e de peixes do rio Tiquié nas versões desana e tukano.

O tema das tecnologias de pesca a leva a identificar nomenclaturas e técnicas indígenas. Comparou seus dados com as classificações do *Catálogo de peixes comerciais do baixo rio Tocantins* (Santos *et al.*, 1984). As tipologias ictiológicas dos desana recorrem a critérios de classificação como hábitos noturnos ou diurnos das espécies; movimentação variando em pulo ou nado; trânsito nos níveis de superfície ou fundo; *habitats* distribuídos em lagos, rios ou igarapé; tipos de reprodução distinguidas considerando a fase, a forma e o local de disposição dos ovos. O conhecimento ictiológico ajuda a prever comportamentos dos peixes e a escolher a técnica de pesca mais adequada à captura de determinada espécie.

Bianca França (2023, p. 100) identifica a recorrente e ampla abordagem transdisciplinar de Berta Gleizer Ribeiro ao conceito de “práticas culturais” indígenas. No caso específico de *Os índios das águas pretas* (1995), a retomada dessas práticas desenvolvida contemporaneamente pela antropologia rionegrina ocorre sob o enfoque das línguas

indígenas. João Paulo Lima Barreto (2013; 2021) relaciona o conhecimento tukano a práticas e saberes indígenas. Estabelece os conceitos de (a) *Kibiti ukãse*, conjunto de narrativas míticas conhecido pelo Kumu; (b) *Bahsese* ou discurso do Kumu, variável de acordo com o contexto cerimonial; e (c) *Bahsamori*, que reúne práticas sociais agrícolas, cerimoniais, cantos e dança.

A definição de autoria indígena implícita na forma como Berta Gleizer Ribeiro (1995) expõe fontes de informações em *Os índios das águas pretas* (1995) e na introdução da mitologia desana (1980) enfatiza tais práticas e saberes indígenas sistematizados em suas taxonomias, tecnologias, técnicas e tradições orais. Segundo essa perspectiva, reconhecida por sua recepção crítica, o conhecimento das comunidades indígenas é produzido no manejo cotidiano dos biomas amazônicos integrados, a partir dos quais criam diferentes modos e equipamentos produtivos.

A antropóloga documenta também o pluralismo linguístico do Alto Rio Negro ao traduzir conceitos e denominações de objetos, tipos de solos, animais e plantas em desana, tukano e língua geral. Não oferece ao seu colaborador apenas uma autoanálise do simbolismo homem e animal localizado em relatos míticos, mas demonstra, mobilizando um conjunto amplo de dados, como as etnias indígenas atuam e transformam o meio ambiente de forma autoral, criativa e integrada.

1.2 Interpretação salesiana das políticas indigenistas

Em 1979, Franz Knobloch recebe fotocópias do livro *A terra Goytacá*, de Alberto Lamago (1943), enviadas por Berta Gleizer Ribeiro. Na carta de 11 de maio, Knobloch (1979b) retribuiu-lhe com o envio do ensaio “The Aharaibu Indians: a ‘white’ tribe in the Amazon” publicado pelo salesiano em 1970 na revista de antropologia *Mankind Quarterly*. A comunidade Yanomami de Aharaibu, desse contexto, constitui-se do grupo Wawanaweteri, localizado no rio Maia, e dos Masiripiwëiteri, no rio Matucará, nas proximidades da Missão Salesiana.

As partes etnográficas desse ensaio salesiano reúnem informações dos Aharaibu referentes às relações familiares, políticas, hábitos, produção de cultura material, técnicas de pesca ou plantio e ritos. O texto de Knobloch (1970) abriga também controversas avaliações dos tons de pele e cabelo dos Ahariabu e grupos indígenas a eles semelhantes, usadas na argumentação para aproximá-los dos europeus, diferenciando-os de outras etnias indígenas. A referência a caracteres físicos atende a linha editorial da revista com escopo em estudos interdisciplinares de antropologia e ciências naturais.

Franz Knobloch (1970) recolhe exemplos de deuses “brancos” entre os povos pré-colombianos da interpretação enviesada que Pierre Honoré (1963) produziu para crônicas e cartas de relação do período colonial. Além disso, a abordagem do padre ao tema da mestiçagem é introduzida por uma longa citação extraída do livro *Der Amazonas Wanderbilder aus Peru, Bolivien and Nordbrasilien*, de Damian Schütz-Holzhausen (1895). A citação direta, com viés racista, associa caracteres brasileiros, peruanos e colombianos à preguiça. A seleção desse referencial bibliográfico expõe a fragilidade da argumentação missionária.

“*The Abaraibu Indians: a ‘white’ tribe in the Amazon*” aborda a crítica da igreja católica ao discurso dos colonos que animaliza indígenas. Tal perspectiva se manifestaria em documentos promulgados pelo Papa Paulo III⁵ em 1537, não especificados por Knobloch (1970). Devido ao período de sua promulgação, levanta-se a hipótese de que podem ser as bulas “*Altitudo divini consill?*”, “*Veritas ipsa*” e “*Sublimis Deus*”⁶. A primeira encíclica transfere para a jurisdição episcopal a função exercida anteriormente pelo Santo Ofício de atuar no meio indígena. “*Veritas ipsa*” condena a escravização desses povos. Relacionada mais diretamente à tópica da carta do salesiano, “*Sublimis Deus*” afirma a racionalização como atributo indígena e defende o direito desses povos de não serem privados dos próprios bens ou de sua liberdade. A defesa da razão e da autonomia indígenas constituem argumentos que demonstram as condições dos indígenas de serem catequizados.

Seguindo a sua prática de revisionismo histórico, Franz Knobloch (1970) analisa as administrações jesuíta e franciscana nos aldeamentos indígenas dos séculos XVI e XVII. Embora identifique o efeito de proteção do aldeamento ao reunir indígenas e separá-los dos não indígenas, Knobloch (1970) nota a semelhança dessa prática com a segregação racial imposta pelo *South African Group Area Act*, de 1950, na África do Sul. No que diz respeito à atuação educativa das missões salesianas, reconhece seus efeitos de integração e aculturativo, mas seu texto acaba por expor a manutenção do discurso da ordem em defesa do isolamento cultural para evitá-los.

O contato constante das missões católicas com indígenas dessa região explica o acúmulo de dados etnográficos e o viés histórico do ensaio enviado à antropóloga. A carta de Knobloch (1979b) registra a entrega de leite às gestantes realizada pela Funai e o

⁵ Em “*The Abaraibu Indians: a ‘white’ tribe in the Amazon*”, há erro na atribuição dada ao Papa Paulo II pela promulgação de documentos eclesiásticos de 1537. Trata-se do Papa Paulo III.

⁶ Ver informações sobre documentos eclesiásticos publicados pelo Papa Paulo III em *El Papa Paulo III y los Indios de América*, de L. Hanke (2020, p. 355-384).

anúncio da chegada de recursos oferecidos pelo Ministério da Agricultura da Baviera para a compra de ferramentas. Nessa série de acontecimentos, insere-se o aviso de que foram entregues cartas da antropóloga a Luiz Gomes Lana. A carta demonstra como se desenvolveu a inserção do padre no cotidiano da comunidade e comprova, novamente, o uso do endereço de Knobloch para manter esse diálogo. As demais tópicas expõem as interferências das políticas indigenistas no contexto indígena.

Chega à região um documento assinado apenas por Ismarth de Araújo Oliveira, presidente da Funai de 1974 a 1979, que delimita as “reservas indígenas” entre os rios Tiquié e Papuri. Embora o documento utilizasse o termo “reserva indígena”, anexo a ele havia um mapa onde se aplicava à mesma área a denominação “Reservas Florestais”, divergência notada pelo missivista. Segundo Franz Knobloch (1979b), o documento não contava com a assinatura do presidente da República. Além disso, não houve demarcação de terras que o validasse. Como lhe informou Araújo de Oliveira, nenhuma área da Amazônia havia sido demarcada nesse período. A argumentação construída pelo padre na missiva parece se basear no Decreto-Lei nº 200, de 25 de fevereiro de 1967 (Brasil, 1967). Knobloch (1979b) avalia a fragilidade do termo “reserva florestal”, inscrito no mapa. Esse conceito não só limita a administração da área ao Ministério da Agricultura, mas também não prevê a presença de pessoas nesses espaços.

Segundo o Estatuto do Índio, de 1973 (Brasil, 1973), o processo de demarcação de terras indígenas seria orientado pelo Ministério do Interior, órgão responsável pela assistência indígena. A Funai articulava as atuações dos ministérios do Interior e da Agricultura. As observações de Knobloch (1979b) levam a pressupor que não tenha havido regularização fundiária, porque o documento enviado não seguiu padrões exigidos. A missiva levanta possíveis consequências geradas pela ineficiência do documento enviado, como a facilitação de invasões às terras, a “destruição de florestas e da fauna” e o desaparecimento das populações indígenas localizadas nessa região. Knobloch (1979a) cita Warwick Estevam Kerr entre exemplos de nomes de cientistas que poderiam mover críticas aos impactos socioambientais do documento.

Na carta de 29 de setembro, Franz Knobloch (1979c) agradece pelo envio de mapa do Conselho Nacional de Geografia e Estatística que recobre a área da prelazia do Rio Negro. A tópica das línguas indígenas também se manifesta no seu discurso epistolar. É comentado o caráter multilíngue de países hispano-americanos — como a Bolívia, o Peru e o Paraguai — que os levou a incluir línguas indígenas na categoria de línguas oficiais além do espanhol. Berta Gleizer Ribeiro (1979) envia a cópia de capítulo da sua tese referente ao

trançado do Rio Negro para avaliação do salesiano e possíveis correções de Luiz Gomes Lana aos desvios de grafia na escrita de palavras em desana ou tukano. No período em que a antropóloga fez a revisão de *Antes o mundo não existia* (1980), consultou a grafia de várias palavras em línguas indígenas com Gomes Lana. A primeira edição da mitologia desana publicada em português mantém algumas palavras na língua desana que contam com suas respectivas traduções para as línguas tukano, nheengatu ou língua geral. Publicado em 1995 pela Companhia das Letras, *Os índios das águas pretas* (1975) também reúne palavras em línguas indígenas.

A resposta de Knobloch (1980) informa à sua interlocutora que a palavra “*panlõn*”, parte do nome desana de Firmiano Arantes Lana (Umúsin Panlõn Kumu), é cerimonial e não deve ser traduzida, conforme ela já previa. Essa confirmação indica que o gênero epistolar foi um dos meios utilizados para promover a interação entre Berta Gleizer Ribeiro e Luiz Gomes Lana e facilitar a montagem de um conjunto de palavras em línguas indígenas. Ao participar do processo de edição de *Antes o mundo não existia* (1980), a pesquisadora contribuiu para que fossem produzidas as notas de rodapé explicativas ou tradutórias contando com revisões de Luiz Gomes Lana.

2 - MEDIAÇÃO E CONFRONTO NAS CARTAS DE CASIMIRO BÈKŠTA

De origem lituana, Casimiro Bèkšta vivenciou a concorrência do lituano com os idiomas polonês, ucraniano e russo. Segundo José Ribamar Bessa Freire (2015), marcou-o a admiração pelas tradições orais lituanas e o preconceito à sua língua materna. Essa experiência linguístico-cultural parece direcionar a sua perspectiva de docência e das culturas indígenas no Noroeste Amazônico. Sua transferência para São Gabriel da Cachoeira ocorre na década de 1950. No trajeto de barco para o Brasil, inicia seus estudos de língua portuguesa com livro na variante europeia.

O acervo digital do Instituto Socioambiental preserva a transcrição de entrevista concedida pelo padre em 1978 na qual expõe sua experiência de docência nos internatos. Na entrevista, Bèkšta (1978) relata que os internos se comunicavam em nheengatu, embora seu uso fosse proibido no internato salesiano. A língua geral funcionaria como um veículo para se aprender as demais línguas indígenas faladas pelos alunos. Essa constatação o levou a estudar *O selvagem*, de José Vieira Couto de Magalhães, além dos livros *Grammatica e Vocabulário portuguez-nheengatú e nheengatú-portuguez*, de Ermanno Stradelli (1929).

O relato de Békšta (1978) descreve as etapas de aquisição das línguas de seus grupos vivenciadas pelas crianças indígenas antes de ingressarem no internato. Inicialmente, aprendiam a língua materna, e, entre cinco e seis anos, a língua paterna. A aprendizagem da língua geral, adquirida por último, facilitaria a comunicação entre elas no internato. Foram também observados por Békšta (1978) objetos rituais escondidos pelos internos, como o jurupari⁷ e o adabi (chicote cerimonial), que indicariam a manutenção clandestina de práticas rituais no internato. Trechos da entrevista também registram as etapas de estudo externas ao espaço escolar cumpridas pelos iniciados para se tornarem Kumua⁸. Segundo a descrição de Békšta (1978), para treinarem a memória, deveriam beber água do rio pela manhã para enrijecerem os músculos; limpar o estômago com a ingestão de água com cipó e consumir pescado abstendo-se da carne de caça.

No geral, a entrevista projeta um discurso autobiográfico com o efeito de demonstrar a sua abertura a conhecer o contexto cultural do Alto Rio Negro e aprender as línguas indígenas dos alunos. Ele participou do contexto de produção dos manuscritos do mito de origem nas versões em português e desana anteriores à publicação de *Antes o mundo não existia* (1980). Feliciano Lana, primo de Luiz Gomes Lana, havia iniciado esse processo ao produzir a mitologia desana desenhada. O narrador Firmiano Arantes Lana avaliava a sua versão da narrativa como a mais apropriada, segundo o depoimento de Gomes Lana (1980 *apud* Ribeiro, 1980b).

A concorrência entre as narrativas e o incentivo de Casimiro Békšta contribuíram para que Arantes Lana aceitasse o início da transcrição do relato mítico realizada por seu primogênito. Havia ocorrido uma tentativa frustrada de publicar esse material numa editora do Rio de Janeiro, com a colaboração do escritor Márcio Souza. O contato de Berta Gleizer Ribeiro, mediado pelos padres, foi fundamental para concluir e ampliar as etapas de transcrição, textualização e edição do relato mítico. A correspondência de Casimiro Békšta com a antropóloga demonstraria seu apego à rigidez das tradições indígenas e à preservação dos manuscritos repassados a ela para que os revisasse. Esses documentos epistolares discutem o interesse de Dominique Buchillet por pesquisar xamanismo e os aspectos do

⁷ Instrumento musical sagrado utilizado em práticas cerimoniais e incorporado às narrativas míticas de etnias indígenas do Noroeste Amazônico. Para mais informações, consultar as pesquisas de Stephen Hugh-Jones (2011) e João Paulo Lima Barreto (2021).

⁸ Em desana, o plural de “kumu” é “kumua”. Segundo Berta Gleizer Ribeiro (1980b, p. 10), o kumu exerce função de destaque na estrutura social dos desana e possui conhecimento da “mitologia, dos ritos e costumes tribais”.

catálogo da exposição “Os índios das águas pretas: uma área cultural do Noroeste do Amazonas” (Ribeiro, 1980c).

Na carta de 31 de agosto de 1980, Casimiro Békšta parabeniza Berta Ribeiro pela resenha crítica de *Diário do Xingu* e pela nota a respeito da exposição publicadas no *Porantim* por Márcio Souza (1980). Esse exórdio aparentemente elogioso que não expõe o título da nota é seguido das suas indicações de correções ao ensaio etnográfico *Os índios das águas pretas* publicado em 1980 pela antropóloga como apresentação de *Antes o mundo não existia*. A missiva procura documentar o trabalho de Békšta e o uso de recursos próprios para incentivar indígenas a tomarem notas dos relatos míticos.

No que diz respeito às referências aos nomes Umúsin Panlõn Kumu e Tolamã Kenhíri, Békšta (1980) adverte sua interlocutora do problema de exibi-los em publicações. Seriam nomes sagrados e, por proteção, não deveriam ser expostos. Avalia também a inadequação de aspectos geográficos, como o termo área cultural do rio Tiquié, a metáfora “índios das águas pretas” ou a restrição de petróglifos aos rios Aiari, Uaupés e Tiquié. Na sua perspectiva, o rio Içana constituiria o centro de irradiação cultural, e os petróglifos [localizar-se-iam](#) em mais áreas do que as citadas pela antropóloga.

O ponto maior de conflito é opor-se à disposição de Dominique Buchillet de pesquisar aspectos rituais masculinos ou as práticas de xamanismo devido ao risco de oposição dos próprios indígenas. Aconselha que se restrinja à pesquisa de temas da cultura indígena ligados às atividades femininas com base na referência às falhas da pesquisa de Alcionílio Brüzzi Alves da Silva junto às mulheres indígenas.

A antropóloga Dominique Buchillet inicia seu contato com Berta Gleizer Ribeiro em carta datada em 13 de abril de 1980, na qual expõe seu objetivo de estudar algum grupo Tukano do rio Uaupés. Solicita cópias de textos como “A arte do trançado dos índios do Brasil” e a introdução “*Os índios das águas pretas*”, publicada em *Antes o mundo não existia*. Por ser enviada de Manaus para Berta, é possível saber que a data da carta de 23 de novembro de 1980 indica aproximadamente o período de chegada da antropóloga francesa ao Amazonas. O foco de Buchillet mudaria devido à intervenção de sua interlocutora, que lhe recomenda continuar o trabalho de publicação dos relatos míticos indígenas.

Dominique Buchillet revisa, em 1995, a segunda edição de *Antes o mundo não existia* publicada pela União das Nações Indígenas do Rio Tiquié (Unirt) e pela Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro (Foirn). Trata-se do primeiro volume da Coleção Narradores do Rio Negro, seguido de uma série de narrativas míticas publicadas. A carta de

Berta Gleizer Ribeiro (1980a) oferecida ao padre parece ser fundamental para amenizar a oposição do destinatário ao recorte temático de pesquisa proposto por Buchillet.

2.1 A resposta de Berta Gleizer Ribeiro

Berta Gleizer Ribeiro (1980a) entrecorta de citações a carta enviada a Casmiro Békšta em 10 de setembro de 1980. O documento retoma partes do discurso epistolar salesiano para confrontá-las às informações disponibilizadas pela antropóloga nos gêneros catálogo de exposição e ensaio etnográfico. A comparação demonstra que esses textos não ignoram o conhecimento construído pelo religioso em seu contato com povos indígenas. Publicado em 1980 como introdução de *Antes o mundo não existia*, o ensaio de Berta Gleizer Ribeiro (1980b) o define como o sujeito mais adequado para produzir o “prefácio” da mitologia desana. Segundo Ribeiro (1980a), a ausência dessa informação no catálogo “*Os índios das águas pretas: uma área cultural do Noroeste do Amazonas*” se deve mais à adequação do texto à finalidade comunicativa de divulgar a exposição montada no Museu Nacional na mesma ocasião em que seria realizada a reunião anual da Associação Brasileira de Antropologia (ABA).

O exórdio da carta é marcado pelo lamento da remetente, que interpreta as felicitações irônicas de Békšta. É fundamental, para a sua defesa ao catálogo de exposição, a leitura da pequena nota de Márcio Souza (1980) intitulada “A coisa anda preta para os índios das águas pretas”. Ao se referir ao material de divulgação da exposição, o escritor recorre ao estereótipo que associa essa cor à “dificuldade” ou ao “perigo”. A insatisfação de Souza (1980) se dirige à menção, no catálogo, ao nome de Alcionílio Brüzzi, posto no mesmo nível de “defensores da causa indígena”. O escritor define sua pequena nota como “recadinho à Berta Ribeiro” (Souza, 1980), categoria do gênero epistolar mais informal e próxima da oralidade. O uso de diminutivo “recadinho” incorpora marcação de sexo ou gênero também estereotipada que associa ao infantil as formas de falar tipificadas como femininas.

O título do livro *A civilização indígena do Uaupés*, de Alcionílio Brüzzi, aparece apenas no primeiro parágrafo do texto de abertura do catálogo de exposição. Segue o modelo de introdução que consiste em apresentar um tema relacionando-o a alguma referência cultural. A resposta de Berta Gleizer Ribeiro ao padre expõe justamente o uso dessa estratégia de textualização. Sua finalidade seria atender simultaneamente aos públicos comum e especializado da exposição. Sem se deter no conteúdo do livro de Brüzzi, o catálogo o cita porque associa as etnias que habitam o rio Uaupés ao conceito de “civilização”. Outra

passagem desse material de divulgação expõe brevemente o histórico de formação populacional da área. A localização de povos indígenas no alto e no baixo Rio Negro os protegeria dos deslocamentos populacionais forçados impostos pelos descimentos coloniais no século XVIII. A retomada dessa informação na carta demonstra ao padre que a antropóloga pretendia ressaltar a antiguidade da presença indígena nessas regiões.

Os termos geográficos criticados por Békšta (1980) também são devidamente justificados. Segundo Ribeiro (1980a), a ênfase na área cultural do Uaupés se deve a sua tentativa de divulgar para o público da exposição a extensão das áreas habitadas predominantemente por indígenas. Com bacia hidrográfica que engloba o afluente Içana, o Uaupés atravessa as fronteiras do Brasil e da Colômbia e se comunica com o Rio Negro. Ao responder a crítica ao uso da expressão “águas pretas”, a antropóloga assume seu caráter intencionalmente literário aplicado ao texto do catálogo com o objetivo de enfatizar novamente a ampla área geográfica onde vivem esses povos a partir da característica hidrográfica comum das águas de seus rios e afluentes.

Argumentos histórico-geográficos constituem a base para que o catálogo repasse o que a antropóloga denomina na carta de “recado” indireto ao brigadeiro Protásio Lopes. Ribeiro (1980a) opõe-se à defesa apresentada em entrevista coletiva de Lopes⁹ à integração indígena à comunidade nacional associada ao apagamento da identidade político-cultural desses povos (Ribeiro, 1980a). O catálogo da exposição “*Os índios das águas pretas: uma área cultural do Noroeste do Amazonas*” enfatiza justamente essa antiguidade da fixação de etnias indígenas na área, a extensão de seu território e a cultura por elas produzida. A defesa de Berta Gleizer Ribeiro (1980a) a esse material de divulgação também expõe uma concepção de escrita dependente de diálogos com os leitores de seus textos, como Carlos Drummond de Andrade, mencionado na carta. A mensagem do catálogo havia sido alvo da interpretação ativa do escritor, pois escreveu, a partir dela, uma minicrônica, enviada ao padre na missiva que também portava um volume do *Diário do Xingu*.

Para explicar qual seria o trabalho de Dominique Buchillet junto aos desana, Ribeiro (1980a) reproduz na carta o trecho do relato de Luiz Gomes Lana citado pela introdução de *Antes o mundo não existia*. Lana (1980 *apud* Ribeiro, 1980b, p. 44) expõe o seu desejo de anotar as rezas dos velhos em desana e traduzi-las para o português. A oposição

⁹ Cf. a repercussão da entrevista de Protásio Lopes divulgadas na notícia “Brigadeiro defende índio integrado na civilização” publicada no jornal O Estado de São Paulo em 26 de janeiro de 1980 (Brigadeiro defende..., 1980).

do padre às pesquisas ao xamanismo realizadas por mulheres merece sua resposta direta: “Na tribo dos antropólogos, mulher não tem sexo” (Ribeiro, 1980a). Em 1983, Dominique Buchillet conclui a tese *Maladie et mémoire des origines chez les desana de Uaupes*, que trata justamente do xamanismo. Pesquisa as concepções de doença segundo as tradições desana e as terapêuticas utilizadas pelos especialistas Kumua no processo de cura.

3 – TEMPO E ESPAÇO NA ĘMĚKHO PATOLÉ

O manuscrito produzido por Luiz Gomes Lana nesse processo de ouvir, de seu pai, o mito de origem desana, transcrevê-lo e traduzi-lo, dando origem ao livro *Antes o mundo não existia* (1980), constitui uma primeira etnografia. Nas fotocópias do caderno em língua portuguesa, observam-se folhas manuscritas em língua portuguesa com algumas palavras em desana nas quais é possível localizar a sequência de palavras “*yú wai gônhã*”, tal como são grafadas por Luiz Gomes Lana, retomada pelo termo “bastão” em outra parte do mesmo texto. Essas palavras compõem um conjunto de termos recorrentes nas mitologias rionegrinas.

A primeira edição da mitologia desana, revista por Berta Gleizer Ribeiro, modifica sua grafia para “*yéi wai ngoã*” além de detalhar a significação de cada termo nas traduções para as línguas portuguesa e tukana dispostas na seguinte nota de rodapé: “*Yéi waí ngoã (onça, peixe, osso) em d.; yai waí wá em t*” (Panlôn Kumu; Kenhíri, 1980, p. 55). Em outro contexto, “*yéi*” e “*yai*” significam “pajé” nas línguas desana e tukano. O quarto capítulo de *Antes o mundo não existia* (1980) detalha as relações contextuais desses termos. A pele de onça compõe a indumentária do pajé ĘmĚkho mahsân Boléka e do seu séquito de onças constituído pelos desana *ëmĚkho mahsá* no quarto capítulo de *Antes o mundo não existia* (1980). A performance desse grupo demanda executar as seguintes etapas: extrair as peles de onça com o espinho de tucum, vesti-las para transformar em onça e desvesti-las para retornar à forma humana.

O termo “*waí*” é fundamental para os tukanos Yepamahsã, pois integra a palavra *waimahsã* designadora de “humanos invisíveis”. De acordo com Barreto (2021, p. 32), esses seres, que podem habitar a terra, a floresta, as águas ou o ar, adquirem habilidades físicas dos animais ao se camuflarem ou se metamorfosearem vestindo uma roupa. Esse processo é similar à performance de Boleka e dos desana. O terceiro elemento de “*Yéi waí ngoã*” incorpora a característica vegetal da Paxiúba. A terra consome o corpo do pajé Guelamun yé queimado até que, nesse solo, brote a palmeira ou osso do pajé, matéria-prima da flauta

sagrada. Se *waimahsã* denomina os humanos invisíveis do grupo tukano, *ëmëkbo mahsá* poderia designar a sua versão desana para a fusão dos restos do pajé com terra e, posteriormente, sua transformação na vegetal paxiúba, intermediada pelo universo (*ëmëkbo*). A análise da série “*yéi wai ngoá*” leva a concluir que os termos designadores do objeto alojam, sem seus constituintes, a memória da prática cerimonial de pajés. Finalmente, a legenda da figura 4, na qual o bastão se sobrepõe à *ëmëkbo patolé*, designa esse objeto de “cetro-maracá” (Panlõn Kumu; Kenhíri, 1980, p. 4).

A segunda edição de *Antes o mundo não existia* (1995) modifica as passagens relacionadas à performance de Yebá ngoamã. Se a primeira edição (1980) contém 14 capítulos, a segunda (1995) reorganiza o mito de origem desana em sete partes seguidas dos 13 capítulos restantes referentes aos demais mitos desana. Na segunda edição, a aparição dos trovões, a criação de ngoamã e sua performance são narradas na parte “Origem da humanidade”, ainda subdividida nas seções “Como fizeram a humanidade”; “Como apareceu um outro Ser”; “A criação do Sol”, “A criação da Terra” e “Como apareceu a humanidade”.

Essa estratégia de editoração “facilita o processamento gradual do texto e, ao final da leitura, sua memorização compreensiva”, além de constituir “tópicos para um provável roteiro de performance” (Almeida, 2022, p. 242). Ao enfatizar, com mais títulos, as etapas das performances desenvolvidas por Yebá ngoamã, a edição de 1995 mantém recursos semântico-discursivos de manutenção da rede coesiva nominal do texto oral transcrito apresentados pela primeira edição, pois incorpora as palavras manuscritas “*yú wai gõnhã*” sob as variações “cajado”, “cetro-maracá” e, com alteração de grafia, “*yewãigõã*”¹⁰. A facilitação gerada pela segmentação do texto é acompanhada pela eliminação de notas tradutórias organizadas para a primeira edição de *Antes o mundo não existia*.

A pesquisa da correspondência de Berta Gleizer Ribeiro (1995) e a comparação do manuscrito às suas edições indicam a ocorrência de um processo contínuo de intervenções textuais que oferecem “organicidade” ao relato mítico. A colaboração de Luiz Gomes Lana com a pesquisa da antropóloga, explicitada e compartilhada em suas publicações, contribui para reconhecer como a oralidade do relato, textualizada e publicada na primeira versão de

¹⁰ A respeito da normalização da grafia das línguas pertencentes à família Tukano, conferir “*Proposta para uma grafia tukano normalizada*, de Elsa Gomez-Imbert e Dominique Buchillet (1986, p. 1-39), e *Transculturação narrativa: dos diálogos de Ángel Rama e Berta Ribeiro à edição de Antes o mundo não existia*, de Ananda Nehmy de Almeida (2022, p. 238).

Antes o mundo não existia, incorpora a leitura desana dos elementos contextuais amazônicos. Na primeira edição de *Antes o mundo não existia*, o mito de origem desana rodeia a figura feminina de Yebá bëló de objetos invisíveis:

No princípio, o mundo não existia. As trevas cobriam tudo. Quando não havia nada, brotou uma mulher por si mesma. Surgiu suspensa sobre seus bancos mágicos e cobriu-se de enfeites que se transformaram em uma morada. Chama-se *etân bē tali bu* (quartzo, compartimento ou camada). Ela própria se chamava Yebá bëló (terra, tataravó), ou seja, avó do universo.

Aconteceram coisas misteriosas para que ela pudesse criar-se a si própria. Existiam seis coisas invisíveis: *sé-kali* (bancos), *salipu* (suportes de painéis), *kuásulu pu* (cuias), *kuásulu verá* (cuias, ipadu), *dēhkē iuhku pu* (cuias), (pés de maniva, ipadu, tapioca, cuia), *mublun iuhku* (cigarros). Dessas coisas ela se fez a si mesma. Por isso ela se chama a “não criada”. Essa mulher, depois de ter aparecido, pensou como deveria ser o futuro mundo. Pensou isso em sua morada de quartzo, na *etân bē tali bu* (Panlõn Kumu; Kenhíri, 1980, p. 51).

O trecho faz referência à cultura material e à língua desana. Cada objeto invisível nomeado em desana é traduzido, entre parênteses, em língua portuguesa. Notas de rodapé traduzem esses termos para o tukano, língua franca da região, ou em língua geral. Essa diversidade linguística se manifesta na cultura material incorporada ao relato mítico e constitui, conforme já foi exposto neste artigo, tema da pesquisa de Berta Gleizer Ribeiro no livro *Os índios das águas pretas* (1995). Entre os objetos invisíveis, é possível identificar utensílios aparentemente comuns, o objeto insígnia denominado banco tukano, os alimentos pés de maniva e a tapioca, além do ipadu (Erythroxylaceae) e do cigarro.

A matéria fragmentada com a qual Yebá bëló constitui sua morada ou compartimento é composta tanto da camada de quartzo *etân bē tali bu* quanto de enfeites posteriormente transformados na futura humanidade. Assim como o solo, contém elementos orgânicos, figurativizados pelos enfeites, e inorgânicos, exemplificados pela referência ao mineral quartzo. A primeira etapa da ontogênese toma essa heterogeneidade própria à terra para aproximá-la das funções de sementes, ovos, óvulos ou ninhos em ciclos reprodutivos ao dar-lhe a forma de invólucro.

Os atos seguintes de criação demandam o consumo contextualizado de tabaco e ipadu tal como ocorre em rituais tukano e desana, entre outras etnias do Noroeste Amazônico. Dominique Buchillet (1983) retoma aspectos “pragmáticos” e “performativos” em sua explicação da terapêutica ligada essencialmente ao contexto de enunciação e ao

discurso dos kumua. No rito de cura, o kumu inicia um processo reflexivo, assentado no banco (*sem*), para dirigir o seu discurso curativo à substância contida na cuia, depositária do sintoma sentido pelo paciente. Recorre aos estímulos do ipadu e do tabaco em sua interação com esse objeto que se segue do ato de produzir o sopro.

As folhas secas e maceradas de ipadu possuem efeitos psicoativos que estimulam o kumu a proferir discursos míticos curativos. O cigarro de tabaco também integra o ritual de cura. A produção do sopro demandaria ao kumu prender a respiração para expulsá-la pela boca, se utilizou o cigarro. Caso tenha posto ipadu em sua boca, expelirá o ar pelo nariz. Buchillet (1983, p. 121) relaciona essa sequência de atos performativos do kumu à cena narrada pelo relato mítico.

O pensamento de Yebá bëló torna-se uma forma compacta e leve comparada pelo mito a um balão com uma torre em sua extremidade. O movimento de ascensão do pensamento se deve a sua leveza, visibilidade e movimentação, atributos comuns às nuvens e à fumaça. Ao nomear essa esfera, a avó do mundo retoma o termo “*ëmëkbo*” ou universo, mas para associá-lo à “*patolé*”, designação em desana de parte do corpo que o nutre e potencialmente gera seres.

O relato mítico também compara a *ëmëkbo patolé* à grande maloca. Para habitá-la, Yebá bëló transforma o ipadu em homens trovões nascidos de sua boca e da planta que estimula a fala e a memória dos kumua. Esses seres possuem duas denominações: “*Ëmëkbo ñkhe semá* (universo, avós, muitos)” e “*etãn bë weli mahsá* (quartzo, que são, gente)” (Panlôn Kumú; Kenhíri, 1980, p. 51). Os “marcadores epistêmicos”¹¹ “*ëmëkbo*” e “*etãn bë*” contêm a memória dos nomes “*ëmëkbo* (universo) e da *etãn bë tali bu* (camada de quartzo), compartimento reservado a Yebá bëló.

O quartzo possui brilho vítreo, cores variáveis do incolor ao preto e formas cristalinas ou microcristalinas presentes em alguns tipos de rocha. O aspecto translúcido e a forma hexagonal constituem características compatíveis com a configuração irregular e ramificada do raio, manifestação visual anterior ao som do trovão. Essa mescla de atributos oferece um corpo visível e tátil à sonoridade dos trovões. A materialidade do quartzo branco é incorporada e ressignificada pelo mito. Constitui o banco de quartzo branco onde se senta Yebá bëló, a camada *etãn bë tali bu* e a paradoxal “corporeidade” invisível dos trovões.

¹¹ Cf. conceito de marcador epistêmico em “Línguas ameríndias: modos e caminhos da tradução”, de Bruna Franchetto (2012, p. 39).

Yéba bëló cria Yebá ngoamã̃n para cumprir a tarefa destinada inicialmente aos trovões¹² de criar “a luz, os rios e a futura humanidade” (Panlõn Kumu; Kenhíri, 1980, p. 52). O ato de fumar o cigarro na forquilha gera esse ser, nomeado inicialmente como “Èmèkho sulã̃n Panã̃min”. Seu nome incorpora o marcador epistêmico correspondente à palavra universo através do discurso da avó. “Yebá ngoamã̃n”, seu segundo nome, estabelece o elo linguístico-discursivo-performático com Yebá bëló na primeira palavra que o compõe, traduzida, em trechos do relato mítico, por “terra” ou “mundo” (Panlõn Kumu; Kenhíri, 1980, p. 55). Avó e bisneto participam da performance de criação do universo. Nota-se também a variação “bisneto” e “criador” aplicadas à tradução do nome “ngoamã̃n”.

Yéba bëló e Yebá ngoamã̃n executam uma sequência de atos interdependentes para que seja concluído o processo de criação iniciado pela avó do mundo. A primeira complementação desse ato demanda cortar o universo em camadas com o bastão *yéi wai ngoá* ou, conforme a nota tradutória, “onça, peixe, osso” (Panlõn Kumu; Kenhíri, 1980, p. 55). O gesto inicial de o criador erguer o bastão sob a *èmèkho patolé* pode ser relacionado historicamente a instrumentos ligados às práticas de localização e de controle de ciclos hidrológicos de sociedades indígenas.

Germano Bruno Afonso (2009, p. 2) cita, por exemplo, o gnômon localizado em diferentes sítios arqueológicos brasileiros. A interpretação desse relógio de sol vertical exigia acompanhar o movimento do Sol observando as alterações da sombra projetada por uma haste ou rocha piramidal rodeadas por pedras que poderiam marcar “o meio-dia solar, os pontos cardeais e as estações do ano” (Afonso, 2009, p. 2). Afonso (2006) relaciona esses usos do instrumento de medição ao calendário Guarani e à “cosmogênese” do relato mítico segundo a qual a cada ponto cardinal corresponde um deus. Esse instrumento de medição é incorporado ao imaginário mítico de *Antes o mundo não existia* (1980). A *èmèkho patolé* se constitui de uma forma esférica, conjugada à torre, dividida em pontos cardeais pela avó do mundo para abrigar quatro trovões. Apenas a casa do terceiro trovão, denominada *èmèsin wi* (alto, casa), ficaria no alto, porque guarda enfeites que se tornarão a futura humanidade.

O cetro ritual recupera a memória ancestral acerca da forma e funcionalidade do gnômon. No decorrer do relato mítico, sua forma será alterada por Yebá bëló com objetivo

¹² Cf. os tipos de trovões reunidos pela pesquisa de Jaime Moura [Fernandes](#) (2018), segundo a perspectiva dos Desana Umukori Mahsa.

de preparar o bisneto do mundo para realizar sua performance. Vários tipos de cetros produzidos por etnias indígenas compõem os verbetes do *Dicionário do artesanato indígena*, de Berta Gleizer Ribeiro. O verbete “cetro emplumado” revela que seu processo de montagem exige circundar uma “armação sólida e cilíndrica” com “várias camadas de plumas” (Ribeiro, 1988, p. 297). A avó do mundo parece realizar esse tipo de montagem que diferencia a extremidade do cetro de Yebá ngoamã.

Seu material são enfeites plumários masculinos e femininos cuja elaboração exige utilizar penas amarelas e vermelhas extraídas de pássaros. Brincos extraídos da natureza, também incorporando a divisão feminino e masculino, complementam a indumentária do bisneto do mundo. A seleção dos enfeites liga-se à exogamia e depende da extração de penas coloridas de animais como o japu e o tucano. A fusão de cores dessas penas pode levar a inferir que resulte do movimento do cetro. Situado na *etãñ bẽ tali bu*, Yebá ngoamã cria Abe, o Sol, ao lançar o cetro-maracá para o alto de forma a posicioná-lo na torre da *ëmëkbo patolé* onde fica o grande morcego. Esse conjunto de atos e objetos reconstitui as partes do gnômon, como a haste ou a torre, dependentes do Sol para projetar a sombra.

Em “Chuvas e constelações”, Berta Gleizer Ribeiro e Tolamãñ Kenhíri (1987) demonstram também como os desana do rio Tiquié marcavam as mudanças climáticas anuais a partir da observação de constelações. A depender de suas posições no céu e visibilidade, poderiam indicar quais períodos do ano desana, iniciado em outubro, seriam mais favoráveis para limpar o solo e abrir as roças; acompanhar o desenvolvimento das plantas ou de insetos e a subordinação do “ciclo de vida dos peixes” ao “regime das chuvas” (Kenhíri, Ribeiro, 1987, p. 14). Esses temas são amplamente abordados no livro *Os índios das águas pretas* (1995).

O imaginário do mito de origem desana incorpora a memória dessas técnicas de controle de ciclos hidrológico e biológico desenvolvidas no Alto Rio Negro. O ato de criação da terra ou solo se desenvolve por meio da interdependência das performances de Yebá bẽló e Yebá ngoamã. Durante a performance, cada um, ao seu modo, atua sob a terra formada inicialmente como sementes do tabaco. Yebá bẽló extrai as sementes de seu seio esquerdo, dispõe-nas numa esteira alojada sob paris para adubá-las com leite materno retirado de seu outro seio. A terra recém-formada e o espaço são cortados pelo cetro-maracá em camadas nomeadas e traduzidas em desana e português, no corpo do texto, e em tukano, nas notas tradutórias.

O corte expõe os patamares visíveis e invisíveis da *ëmëkbo patolé*. Sua terceira camada corresponde à superfície da terra denominada *bahsi bobó tali bu* constituída de tabatinga amarela. Segundo Ribeiro (1995, p. 243), trata-se de um tipo de argila utilizado para pintar cerâmicas. Acima dela, está a camada onde se fixa a casa do terceiro trovão, abrigo para os enfeites a serem transformados na futura humanidade. Sobrepõe-lhe o grande morcego e a face de Abe. O quarto de quartzo de Yebá bëló fica na base da *ëmëkbo patolé* recoberto pela camada “escura”. Entre esse patamar e a superfície, há camada desconhecida constituída de rocha amarelada. A performance conjunta de Yebá bëló e Yebá ngoamãñ retoma os saberes desana e das demais etnias indígenas acerca da composição do solo e da prática de dividi-lo para o cultivo das roças. Esse conhecimento se vincula também ao marcador epistêmico *ëmëkbo* (universo) e é complementado pela prática da leitura das constelações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A correspondência de Berta Gleizer Ribeiro com Franz Knobloch e Casimiro Bëkšta recompõe suas estratégias para desenvolver a pesquisa no Alto Rio Negro, concluir a divulgação de *Antes o mundo não existia* e abrir a possibilidade de perpetuação desse trabalho ao intermediar os contatos entre os salesianos e Dominique Buchillet. Para preencher as lacunas do discurso epistolar e apresentar os interlocutores, foi necessário retomar publicações resultantes das atividades laborais dos missivistas. A produção intelectual dos salesianos esboçou perfis biográficos marcados por contradições internas e insatisfações com a condução das políticas indigenistas e educacionais de seus contextos. A retomada de *Os índios das águas pretas* estabeleceu relações entre os conhecimentos socioambientais dos desana, o discurso acadêmico e a composição do relato mítico.

O projeto editorial da primeira edição de *Antes o mundo não existia* incorpora às suas páginas parte da diversidade étnica e linguística do Noroeste Amazônico envolvida em diferentes práticas culturais. A mediação dos interlocutores de Berta Gleizer Ribeiro, mesmo incluindo desacordos, e o protagonismo de Umúsin Panlõn Kumu e Tolamãñ Kenhíri contribuíram para que fosse concretizada a publicação de 1980 com repercussões posteriores, a exemplo dos títulos da Coleção Narradores do Rio Negro.

REFERÊNCIAS

Documentos do arquivo de Berta Gleizer Ribeiro localizados no Memorial Darcy Ribeiro:

BEKSTA, Casimiro Jorge. (1980). [Correspondência]. Destinatária: Berta Gleizer Ribeiro. Manaus, 31 ago. 1 carta. Exposições. Arquivo de Berta Ribeiro, Memorial Darcy Ribeiro, Brasília.

BUCHILLET, Dominique. (1980). [Correspondência]. Destinatária: Berta Gleizer Ribeiro. Brasília, 13 abr. 1 carta. Exposições. Arquivo de Berta Ribeiro, Memorial Darcy Ribeiro, Brasília.

KENHÍRI, Tolamã. Reprodução do caderno de Tolamã Kenhíri. Família Lana. Arquivo de Berta Ribeiro, Memorial Darcy Ribeiro, Brasília.

KNOBLOCH, Franz. (1979a). [Correspondência]. Destinatária: Berta Gleizer Ribeiro. Pari Cachoeira, 16 jan, 1 carta. Exposições. Arquivo de Berta Ribeiro, Memorial Darcy Ribeiro, Brasília.

KNOBLOCH, Franz. (1979b). [Correspondência]. Destinatária: Berta Gleizer Ribeiro. Pari Cachoeira, 11 maio 1 carta. Exposições. Arquivo de Berta Ribeiro, Memorial Darcy Ribeiro, Brasília.

KNOBLOCH, Franz. (1979c). [Correspondência]. Destinatária: Berta Gleizer Ribeiro. Pari Cachoeira, 29 set 1 carta. Exposições. Arquivo de Berta Ribeiro, Memorial Darcy Ribeiro, Brasília.

KNOBLOCH, Franz. (1980). [Correspondência]. Destinatária: Berta Gleizer Ribeiro. Pari Cachoeira, 30 de mar. 1 carta. Exposições. Arquivo de Berta Ribeiro, Memorial Darcy Ribeiro, Brasília.

RIBEIRO, Berta G. (1979). [Correspondência]. Destinatário: Franz Knobloch. Rio de Janeiro, 29 de out. 1 carta. Exposições. Arquivo de Berta Ribeiro, Memorial Darcy Ribeiro, Brasília.

RIBEIRO, Berta G. (1980a). [Correspondência]. Destinatário: Casimiro Jorge Beksta. Rio de Janeiro, 10 de set. 1 carta. Exposições. Arquivo de Berta Ribeiro, Memorial Darcy Ribeiro, Brasília.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

AFONSO, Germano Bruno. (2009). Astronomia indígena. Anais da 61ª reunião da SBPC. Rio Branco, Ac. 1(1), p.1-5.

AFONSO, Germano Bruno. (2006). Mitos e estações no céu Tupi-Guarani. *Scientific American Brasil* (Edição Especial: Etnoastronomia), v. 14, p. 46-55, 2006. Disponível em: <https://revistacienciaecultura.org.br/?artigos=mitos-e-estacoes-no-ceu-tupi-guarani>. Acesso em: 03 jan. 2025.

ALMEIDA, Ananda Nehmy de. (2022). *Transculturação narrativa: dos diálogos de Ángel Rama e Berta Ribeiro à edição de Antes o mundo não existia*. 292 f. Tese. (Doutorado em Teoria Literária e Literatura Comparada). Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

BARRETO, João Paulo Lima. (2021) *Kumuã na kahtiroti-ukuse*: uma “teoria” sobre o corpo e o conhecimento-prático dos especialistas indígenas do Alto Rio Negro. 190 f. (Doutorado em Antropologia Social). Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal do Amazonas, Manaus.

BARRETO, João Paulo Lima. *Wai-Mahsã*: peixes e humanos um ensaio de antropologia indígena. (2013). 93 f. (Mestrado em Antropologia Social). Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal do Amazonas, Manaus.

BEKSTA, Casimiro Jorge. (1978). Entrevista. São Paulo: Acervo do Instituto Socioambiental. Disponível em: <https://acervo.socioambiental.org/acervo/documentos/entrevista-2>. Acesso em: 30 de set. 2022.

BRASIL. (1967). Decreto-Lei nº 200, de 25 de fevereiro de 1967. Dispõe sobre a organização da Administração Federal, estabelece diretrizes para a Reforma Administrativa e dá outras providências. Brasília: Presidência da República. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/Del0200.htm. Acesso em: 31 dez. 2024.

BRASIL. (1973). Lei nº 6.001, de 19 de dezembro de 1973. Dispõe sobre o Estatuto do Índio. Brasília: Coleção Leis do Brasil, 1973, V. 7. p. 150. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1970-1979/lei-6001-19-dezembro-1973-376325-norma-pl.html>. Acesso em: 8 ago. 2024.

BRIGADEIRO DEFENDE ÍNDIO INTEGRADO NA CIVILIZAÇÃO. (1980). São Paulo: O Estado de São Paulo, 26 jan. 1980. Disponível em: https://documentacao.socioambiental.org/noticias/anexo_noticia/35496_20160505_115804.pdf. Acesso em: 9 dez. 2024.

BUCHILLET, Dominique. (1983 [?]). *Maladie et mémoire des origines chez les desana du Uaupes*: Conceptions de la maladie et de la thérapeutique d'une société amazonienne. 265 f. Tese. Doutorado em etnologia. *Université de Paris X*, Nanterre.

COELHO, Haydée Ribeiro (Org.); ROCCA, Pablo (Org.). (2015). *Diálogos latino-americanos*: correspondência entre Ángel Rama, Berta e Darcy Ribeiro. São Paulo: Global. p. 19-39.

FERNANDES, Jaime Moura. (2018). *Gaapi*: Elemento fundamental de acesso aos conhecimentos sobre esse mundo e outros mundos. 83 f. (Mestrado em Antropologia Social). Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal do Amazonas, Manaus.

FRANÇA, Bianca Luiza Freire de Castro. (2023). *“Uma civilização vegetal”*: a contribuição de Berta G. Ribeiro para a antropologia brasileira no século XX. 424 f. Tese. Doutorado em História, Política e Bens Culturais. *Escola de Ciências Sociais*, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro.

FRANCHETTO, Bruna. (2012). Línguas ameríndias: modos e caminhos da tradução. *Cadernos De Tradução*, 2(30), 35–62. <https://doi.org/10.5007/2175-7968.2012v2n30p35>

FREIRE, José Ribamar Bessa. (2015). Casimiro, o índio do mar báltico. *Taquiprati*, [s.l.], 26 jul. Disponível em: <http://www.taquiprati.com.br/cronica/1154-casimiro-o-indio-do-mar-batico-espanhol>. Acesso em: 10 fev. 2021.

- GOLDMAN, Irving (1979). *The Cubeo. Indians of the Northwest Amazon*. Urbana; Chicago; London: University of Illinois University Press.
- GOMEZ-IMBERT, Elsa; BUCHILLET, Dominique. (1986). Proposta para uma grafia Tukano normalizada. *Chantiers Ameríndia*, Paris, 4e trimestre, Ameríndia, 1986. p. 1-39.
- KNOBLOCH, F. (1975). Lungo Il Cauaboris: storia di una missione. Roma: *Estratto da Salesanum*. Anno 37, nº 1, p. 131-158. Disponível em: <http://www.salesian.online/wp-content/uploads/2020/11/38-Lungo-il-Cauaboris.-Storia-di-una-missione.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2021.
- KNOBLOCH, Franz J. (1970). The Aharaibu Indians: a “white” tribe in the Amazon. *Mankind Quarterly*, V. X, n. 4, abr. Jun., 1970. p. 185-195. Disponível em: <https://acervo.socioambiental.org/acervo/documentos/aharaibu-indians-white-tribe-amazon>. Acessado em: jun. 2022.
- KOCH-GRÜNBERG, Theodor. (1910a). *Zwei jahre unter den Indianern*. V. 1. Berlin: Reisen in Nordwest-Brasilien 1903/1905.
- KOCH-GRÜNBERG, Theodor. (1910b). *Zwei jahre unter den Indianern*. V. 2. Berlin: Reisen in Nordwest-Brasilien 1903/1905.
- PANLÕN KUMU, Umúsin; KENHÍRI. Tolamã. (1980). *Antes o mundo não existia: a mitologia heroica dos índios Desãna*. São Paulo: Livraria Cultura Editora.
- HANKE, L. (2020). El Papa Paulo III y los Indios de América. *Revista institucional | UPB*, [S. l.], v. 4, n. 14, p. 355–384. Disponível em: <<https://revistas.upb.edu.co/index.php/revista-institucional/article/view/4743>>. Acesso em: 6 oct. 2024.
- HONORÉ, Pierre. (1963). *In Quest of the White God*. London: Hutchinson & Co.
- HUGH-JONES, Stephen. (2011). *La palma y las Pléyades: iniciación y cosmología en la Amazonia noroccidental*. Bogotá: Universidad Central.
- LAMEGO, Alberto. (1943). *A terra Goytacá: à luz de documentos inéditos*. Rio de Janeiro: Oficina Gráfica do Diário Oficial.
- NIMUENDAJÚ, Kurt. (2015). *Reconhecimento dos rios Içana, Ayari e Uaupés*. In: ATHIAS, Renato (Org.). (2015). *Reconhecimento dos rios Içana, Ayari e Uaupés*. Rio de Janeiro: Museu do Índio; Recife: UFPE. p. 33-149.
- PĀRÕKUMU, Umusĩ; KĒHÍRI, Tõrãmũ. (1995). *Antes o mundo não existia: mitologia dos antigos Desana-Kêhíripõrã*. 2. ed. rev. ampl. São João Batista do Rio Tiquié e São Gabriel da Cachoeira: Unirt, Foirn. (Coleção Narradores Indígenas do Rio Negro, V. 1).
- REICHEL-DOLMATOFF, Gérard. (1973). *Desana: le symbolisme universel des Indiens Tukano du Vaupés*. Trad. Carmen Bernand. Paris: Gallimard.
- RIBEIRO, Berta G. (1980b). Introdução: Os índios das águas pretas. In: KUMU, Umúsin Panlõn; KENHÍRI. Tolamã. (1980). *Antes o mundo não existia: a mitologia heroica dos índios Desãna*. São Paulo: Livraria Cultura Editora.
- RIBEIRO, Berta G. (1988). *Dicionário do artesanato indígena*. Belo Horizonte: Itatiaia.
- RIBEIRO, Berta G. (1980c). *Os índios das águas pretas: uma área cultural no noroeste do Amazonas*. Rio de Janeiro: Museu Nacional, 15 p. Catálogo de Exposição. [s.l.].

RIBEIRO, Berta G. (1995). *Os índios das águas pretas: modo de produção e equipamento produtivo*. São Paulo: Edusp / Companhia das Letras.

RIBEIRO, Berta G; KENHÍRI, Tolamã. (1987). Chuvas e constelações. *Ciência Hoje*. Rio de Janeiro, 36. p. 16-23. Disponível em: <https://revistacienciaecultura.org.br/?artigos=chuvas-e-constelacoes>. Acesso em: jan. 2025.

SANTOS, Geraldo Mendes dos; JEGU, Michel; MERONA, Bernard de. (1984). Catálogo de peixes comerciais do baixo rio Tocantins. Manaus: Projeto Tucuruí, Eletronorte/CNPq/INPA.

SCHÜTZ-HOLZHAUSEN, Damian Freiherrn von. (1895). *Der Amazonas: Wanderbilder aus Peru, Bolivia und Nordbrasilien*. Freiburg: Herdersche Verlagsbuchhandlung.

SOUZA, Márcio. (1980). A coisa anda preta pros índios das águas pretas. Manaus, *Porantim*, ago. p. 17.

STRADELLI, Ermanno. (1929). *Grammatica e o Vocabulário portuguez-nheêngatú e nheêngatú-portuguez*. In: *Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*, Rio de Janeiro, Tomo 104, v. 158, p. 10-768.

Ananda Nehmy de Almeida

Doutora em Teoria da Literatura e Literatura Comparada pela UFMG, professora de Língua Portuguesa na Rede Pública Estadual de Minas Gerais.